

ORAÇÃO FUNEBRE

NAS EXEQUIAS

DO SENHOR

D. PEDRO V

CELEBRADAS PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

NA SUA REAL CAPELLA

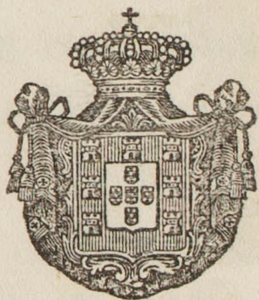
em 11 de dezembro de 1861

FEITA E RECITADA

PELO

DR. F. A. RODRIGUES D'AZEVEDO

LENTE DE PRIMA NA FACULDADE DE THEOLOGIA
NA MESMA UNIVERSIDADE.



COIMBRA

IMPrensa DA UNIVERSIDADE

1862

ADVERTENCIA

Esta oração, obra de poucos dias — antes horas roubadas a outras obrigações litterarias — vae impressa tal, qual foi recitada. Muitas emendas havia a fazer 'nella: mas ao auctor foi pedido o discurso, que recitou, e não outro.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

Puer eram ingeniosus, et sortitus animam bonam.
SAP. VIII, 19.

Vaidade de vaidades; e tudo é vaidade! diz o Ecclesiastes. E com effeito tudo o, que nos parece grande, e glorioso, sôbre a terra, vae sumir-se alli nas sombras do tumulto. As prendas do espirito e os dotes do coração;— a flor da mocidade, e a jerarchia do nascimento;— a affluencia das riquezas, e o prestigio do podêr,... nada, nada escapa a essa lei fatal da natureza, convertida em castigo pelo crime do primeiro homem. É estatuto immutavel, que todo o homem ha de morrer.

Ainda mal, senhores, que nós hoje lamentâmos uma prova bem dolorosa d'esta desconsoladora verdade!

O sceptro e a coroa real, cobertos com o crepe funebre, annunciam, que a asa do anjo da morte roçou pelo throno portuguez, e derribou d'elle prematuramente o joven esperançoso, cujo espirito illustrado, cujo coração recto o tornavam a gloria da realleza, o idolo da nação, e a admiração da Europa.

O dia 11 de novembro passado cobriu de lucto um povo inteiro; feriu no íntimo do peito a todos os portuguezes; fez correr rios de lagrimas espontaneas; e cau-

..

sou uma dor e saudade, que o tempo só póde mitigar, mas que nunca ha de extinguir.

Curvemos-nos diante da vontade de Deus. Nas suas misericordias concedeu-nos um Rei, que era a mais bem fundada esperança da Patria pela elevação da sua intelligencia, o mais seguro penhor da felicidade pública pela bondade do seu coração. Mas tirou-nol-o na primavera da vida, *como a flor, que desabrocha, e, calcada, foge como a sombra.*

Adoremos os decretos do Eterno. Mas esta adoração não prohibe a nossa dor, não enfraquece a nossa saudade, não diminue a nossa gratidão.

E é a gratidão e a saudade, que hoje nos reúne 'neste logar, para darmos um testemunho público e solemne de respeito pela memoria do Senhor D. PEDRO V, — exemplar perfeito dos reis no amor dedicado ao seu povo, na protecção efficaz ás sciencias e ás lettras: — do Senhor D. PEDRO V, que, na idade dos vinte e quatro annos, podia dizer, como Salomão, nos dias da sua gloria: — *era moço; mas o lume da intelligencia illuminava o meu espirito, o amor da virtude animava o meu coração. Puer eram, etc.*

Encarregado de orar 'neste obsequio funebre acceitei sem difficuldade ser o interprete dos sentimentos d'esta academia, que — sôbre tudo — préso, e respeito. Estimei — talvez — ter occasião de dizer, depois da morte o, que, durante a vida, poderia ser arguido de lisonja.

Acaba na morte a adulação e a dependencia: a verda-

de pura e simples será todo o ornato do meu quadro; e este será tanto mais glorioso quanto mais fiel eu o apresentar.

Não serei o historiador do Senhor D. PEDRO V: não o saberia ser, não o deveria ser 'neste lugar. Algumas acções da sua vida e reinado, colhidas aqui e alli, servirão para justificar este tributo da nossa saudade, e a applicação das palavras do meu thema.

Espirito illustrado, o Senhor D. PEDRO V protegeu e animou as sciencias, as lettras, a agricultura e a industria: *Puer eram ingeniosus.*

Coração recto, o Senhor D. PEDRO V practicou constantemente o bem; e deixou ao seu povo admiraveis exemplos de todas as virtudes, que a religião recommenda, e que a sociedade applaude: *sortitus animam bonam.*

Eis todo o pensamento do meu mal alinhado discurso, para o qual imploro a vossa benevolencia.

Dirigir os destinos d'um povo foi sempre um encargo, e não um privilegio para aquelle, que soube comprehender a grandeza da sua missão. E a arte de reinar, difficil no tempo dos reis do direito divino, não se tornou mais facil nos nossos dias.

Multiplicadas as necessidades e os caprichos do homem

ao passo que se multiplicam os prodigios das artes e da industria; — vulgarisados todos os conhecimentos humanos, e sopradas, porisso, as ambições mais exaggeradas; — quando a imprensa periodica discute e analysa todos os actos do Governo; — quando a liberdade da imprensa traz para o público as mais espinhosas e importantes questões religiosas, moraes e sociaes; — quando, em fim, o sentimento da liberdade e da independencia individual reage poderosamente contra a ordem e auctoridades estabelecidas; — hoje, digo, é tanto mais difficil a arte de reinar, quanto é difficil dirigir e conter — sem os aniquilar — estes elementos variados, diversos, e até contrarios, que se agitam e combatem nas sociedades modernas.

Eu bem sei, que o Rei é, hoje, irresponsavel por uma ficção dos governos parlamentares. Mas o facto, contrariando a theoria, nos mostrou seriamente abalado muitas vezes pelas commoções populares o throno de Izabel II na Hespanha: e todos nós vimos em França em 1848 baquear effectivamente a realeza constitucional de julho de 1830.

Magistrado supremo da Nação, o Rei, collocado no fastigio da grandeza social, não só é o espectaculo e o modelo de todos os cidadãos, mas exerce uma influencia poderosa na acção governativa interna, e nas relações internacionaes. O que se tem passado na Europa — ha 30 annos, — e o que ainda hoje se observa na França e no Piemonte, não nos deixa duvidar d'esta influencia.

Mas, para a exercer, é necessaria uma intelligencia su-

perior, que faça respeitar o rei dentro e fóra do paiz; é necessario um coração bem formado, que, possuindo as sympathias da nação, possa captivar o seu amor, e merecer a sua confiança. O Senhor D. PEDRO V possuiu estas duas qualidades 'num grau eminente.

Os disvelos d'uma Rainha, á qual os seus mesmos inimigos não ousaram negar a qualidade de exemplar mãe de familias, lançaram 'naquelle coração infantil as sementes das preciosas virtudes, que nós, depois, admirámos no mancebo. Mestres habeis desinvolveram-lhe a natural intelligencia; e o desejo de saber, unido ao amor do estudo, pareceu fazer do Principe um homem de lettras, um philosopho já 'naquelle idade, que só se occupa — ordinariamente — com folguedos e divertimentos.

Esta cultura do espirito e do coração foi aperfeiçoada pela experiencia. As viagens, que o Principe fez á França polida, á Inglaterra severa, e á Allemanha profunda, ao passo que o fizeram conhecer e admirar nas côrtes estrangeiras, consummaram-lhe a urbanidade, a gravidade, a prudencia: deram-lhe aquelle tacto fino e delicado, que só se aprende na *Universidade do mundo* (para me servir d'esta expressão do nosso padre Antonio Vieira).

Que reinado se não podia esperar de tão auspicioso Principe? E a realidade ainda excedeu as nossas esperanças!

Houve tempo, em que as guerras, as conquistas e as intrigas da politica faziam a gloria dos reis. Carlos V na Hespanha, Pedro Grande na Russia, e Luiz XI em França;

e entre nós D. Affonso IV, D. Sebastião, e o fundador da casa de Bragança alcançaram — por estes meios — nome e fama entre os seus e entre os estranhos.

Porém a civilização moderna reprova a guerra, como resto da antiga barbaridade; abomina as conquistas, como injustas e iníquas; e — apoiada na logica dos factos — surprehende os segredos da diplomacia, e ri dos enredos da politica.

A civilização moderna só faz guerra ao erro e á ignorancia, espargindo por toda a parte a luz da sciencia: só conquista os segredos e as fôrças da natureza para as converter nos commodos e utilidades dos povos: só estuda a politica para fazer de todos os cidadãos uma só familia, de todos os povos uma só nação.

Possuindo apenas uma pequena orla de terra na extremidade do mundo antigo, nós já ganhámos, todavia, gloriosas palmas nas guerras da Africa e da Asia. As nossas conquistas se extendiam desde o Cabo Bojador até alem de Macau. A bandeira portugueza tremulou sôbre Ceuta, Ormuz, Malaca, e na America. As nossas esquadras, fazendo-nos senhores de todos os mares, nos asseguravam a influencia sôbre os destinos da Europa.

Mas hoje, nação pequena e sem preponderancia, sería loucura sonhar com guerras e conquistas. As sciencias, a agricultura, o commercio e a industria, eis o que hoje torna illustres as nações grandes; eis o que póde conservar a independencia das pequenas, e illustral-as tambem.

Penetrado d'estas verdades o Senhor D. PEDRO V, logo

que subiu ao throno, poz todos os seus cuidados em promover a cultura das sciencias, o augmento da agricultura, o desinvolvimento do commercio e da industria.

As leis, os regulamentos e as providencias, publicadas no tempo do seu reinado, para promover a instrucção pública, ainda que sancionadas por El-Rei, póde alguém attribuil-as ao Governo e ás Camaras.

Mas foi proprio só do Senhor D. PEDRO V declarar-se Protector d'esta Universidade, enriquecer o seu Gabinete de Historia Natural com preciosas collecções zoologicas, e estabelecer um Curso Superior de Lettras, que Elle mesmo frequentou. Foi proprio só do Senhor D. PEDRO V tractar com summa benevolencia todos os homens de lettras; honrar com especial bondade esta academia; assistir á sua principal solemnidade; distribuir com sua propria mão os premios aos seus mais distinctos alumnos.

Estas homenagens, prestadas á sciencia, estas honras concedidas aos que a cultivam, concorreram poderosamente para o seu progresso e desinvolvimento.

Nem lhe deveu menor disvelo a agricultura e a industria.

Entre os titulos, com que se ennobrecem os nossos reis, não é o menos glorioso o de — *Lavrador*, — dado ao Senhor D. Diniz, para indicar os cuidados d'este bom rei pela prosperidade da agricultura.

É por certo a agricultura a base mais solida da independencia e da felicidade d'uma nação. Rica com as produções do seu solo, como poderá ella empobrecer? A

agricultura, segura por si mesma, affronta quaesquer desgraças eventuaes; diminue a iniquidade das circumstancias, e garante á sociedade o primeiro de todos os bens, a existencia e a vida.

A par e passo da prosperidade ou decadencia da agricultura caminha, ordinariamente, o commercio e a industria. Torna aquelle communs a um paiz as producções de todos os outros; emprega esta os recursos do genio da imaginação e da arte para satisfazer o luxo, os caprichos, a sumptuosidade, que tem creado a nossa civilisação.

As minas da America, e os thesouros do oriente, que nos tornaram opulentos, no tempo da segunda dynastia, produziram por fim a nossa ruina. A abundancia do ouro, e a facilidade de termos por preço commodo — do estrangeiro — as manufacturas e os cereaes, fizeram-nos abandonar aquellas duas fontes de prosperidade pública.

A separação do Brazil em 1822 tornou palpavel o êrro das administrações anteriores: e não póde negar-se, que — ha 40 annos — muitas leis e providencias têm apparecido para desinvolver entre nós a industria e animar a agricultura.

Não é para aqui referir essas innúmeras e variadas providencias, que comprehendem toda a vida da nação. Nem mesmo allegarei o que sôbre esta materia se fez no curto reinado do Senhor D. PEDRO V, por que só quero falar do, que deve attribuir-se exclusivamente a El-Rei.

O interesse, com que Elle falava da agricultura; o empenho, que mostrava, de que se tornassem conhecidos

entre nós os instrumentos agricolas estrangeiros mais aperfeiçoados; o desejo, que significava, de que se ensaiassem novos methodos de cultura; o aprêço, que fazia, das obras de arte, em que era intendido; os auxilios que prestava aos artistas, o disvelo que mostrava pela sua instrucção; a honra — em fim — com que tractava estas duas classes tão uteis á sociedade; tudo isto foi um poderoso incentivo para o seu desinvolvimento.

O reinado de José II, nos fins do seculo passado, foi glorioso para a Allemanha, mesmo pelo que diz respeito á agricultura. Mas as suas leis não a animaram tanto, como o seu exemplo. Para honrar a lavoura lavrou José II um campo solemnemente: e o Imperador, benemerito da Allemanha por muitos titulos, só teve um monumento para perpetuar a memoria d'esta acção.

Similhanamente o Senhor D. PEDRO V comprehendeu, que honrar pública e solemnemente os productos da agricultura e da industria — este triumpho do trabalho em prol da civilisação, — que honral-os, digo, pública e solemnemente, era tão glorioso para elle, como efficaz para os desinvolver, e util para a patria.

Os calores d'agosto, os frios e chuvas de novembro não o impediram de ir de Lisboa ao Porto assistir ás duas exposições, que tiveram logar 'naquella cidade — a mais laboriosa talvez entre nós —. As festas públicas, o vivo enthusiasmo, as acclamações jubilosas, com que El-Rei foi recebido, claramente mostraram a vantagem da sua visita áquellas exposições.

São grandes, eu o confesso, estes benefícios, que nós devemos ao espirito illustrado do Senhor D. PEDRO V. Todavia é muito maior um outro, que nós gozámos no tempo do seu reinado: a paz e a tranquillidade pública.

Aquelle, cujo berço foi embalado ao sôpro das guerras civis, que, durante a infancia, ouviu rugir as tempestades populares, logrou a ventura de ver, em todo o tempo do seu reinado, o povo portuguez exempto dos males, que trazem sempre as revoluções.

O tino e a prudencia, com que El-Rei se houve para com os diversos partidos, superior a todos elles, sem se inclinar a nenhum; a fidelidade escrupulosa, com que observou as instituições politicas, que jurára; eis a origem d'este quasi prodigio do seu reinado.

Prodigio disse eu? Verdadeiro prodigio, superior a este, foi o mesmo Senhor D. PEDRO V pelos dotes do seu coração. Nas prendas do espirito podem — talvez — outros reis comparar-se com Elle: nos dotes do coração nenhum outro se lhe assimelha, nem na serie dos reis portuguezes, nem mesmo entre os estrangeiros.

Respirae por um pouco; e consenti, que eu não omitta o, que é o mais solido fundamento do seu elogio.

Se a intelligencia é a maior gloria do espirito do homem, a virtude é o mais precioso ornamento do seu coração. Póde aquella excitar o nosso enthusiasmo, exigir até o nosso respeito: só esta inspira o amor e gera a con-

fiança. E o Senhor D. PEDRO V possuiu effectivamente o amor e a confiança de todos os portuguezes.

Magestoso sem fausto, respeitavel sem altivez, não julgou Elle o orgulho como apanagio da sua posição. Affavel e accessivel para todos, nunca mostrou o desabrimento e enfado tão commum 'naquelles, que governam. Apparecia em toda a parte só e sem sequito: e em toda a parte cortez e cortejado fez ver practicamente, como a dignidade do Monarcha póde alliar-se com a urbanidade para com o povo.

A bondade formava o fundo do seu character. A sua honra, fé, probidade e discrição não poderão ser excedidas.

A estas, que eu chamaria virtudes sociaes, sobrelevavam outras mais raras, mais difficeis, mais preciosas, que honram a religião, e que só a religião sabe inspirar: quero dizer a pureza e severidade dos seus costumes, e a verdadeira caridade, como a ensina o Christianismo.

Não serei eu que negue os beneficios da civilisação; nem preferiria a rudez e barbaridade dos antigos á doçura e polidez dos nossos costumes. Porém não ha cousa humana, que não traga comsigo o cunho da humanidade — a imperfeição—. Se a civilisação tem amaciado os nossos costumes, tambem os tem corrompido; e a tendencia materialista do seculo requintou essa depravação.

A soltura e licença dos costumes parece a feição característica da epocha; e seria grande maravilha resistir á sua pernicioso influencia. Esta maravilha realisou-a o Senhor D. PEDRO V.

No vigor da idade, quando o sangue ferve nas veias, quando a imaginação desvaira a intelligencia, quando o homem se dirige mais pelo coração do que pelo espirito, o Senhor D. PEDRO v guardou uma pureza e severidade de costumes, que faria a honra d'um velho em outros tempos.

A mocidade, os dotes do espirito e do corpo, a posição elevada, a facilidade e meios para tudo obter, o exemplo da epocha — tudo parecia leval-o á dissolução, frequente em condições menos favoraveis. O coração d'El-Rei foi superior a todas estas seducções: seu espirito elevado e religioso o preservou d'aquellas mesmas fragilidades, que a religião condemna, ainda que a sociedade as desculpe ou authorise.

A côrte, que não poupa os vicios dos reis, que ella mesma lisongeia e favorece, foi obrigada a mostrar-se grave e sisuda, e a respeitar os costumes do Monarcha. É necessario, que a virtude seja bem solida, quando o cortezão a respeita!

Egual, se não superior, a esta virtude foi a sua caridade. Digo caridade christan; porque a philanthropia é apenas a falsificação d'esta virtude divina, tão propria do christianismo, que resume toda a sua essencia.

O artista indigente, o mancebo de talento mas sem fortuna, a viuva honesta e desgraçada, o homem probo e sem recursos, todos encontraram sempre no coração d'El-Rei um echo para responder ás suas queixas, e no seu bolso os meios para remediar as suas necessidades.

Não falo das esmolas avultadas aos hospitaes e outros estabelecimentos de caridade. Estas são — ás vezes — uma necessidade das circumstancias, quando não uma ostentação de vaidade. Falo d'aquelles soccorros occultos, d'aquellas pensões ignoradas, que, sem fazerem vulto no mundo, consolam muitas magoas, estancam muitas lagrimas, alliviam muitas dores, matam muitas fomes, evitam muitos vicios, geram muitas virtudes, e salvam muitas vidas.

Todo aquelle que procurou El-Rei para um acto de caridade, achou-o sempre. *Para fazer o bem entra-se em toda a parte*: dizia Elle no Porto, indo assistir a um beneficio em um theatro insignificante.

E que direi eu dos extremos da sua caridade, dedicação e coragem, por occasião da Cholera e da Febre amarella?

Ao declarar-se esta epidemia na capital, a consternação lavra por toda a parte; o terror gela todos os corações; e todos, os que podem, apressam-se a fugir de Lisboa, para escapar á morte.

Receiando pela vida d'El-Rei (e pela sua propria) todos o aconselham, e instam, a que sáia immediatamente, e não exponha seus dias.

Heroica resolução! O Senhor D. PEDRO V intendeu e sentiu (digo *sentiu*, por que isto partia do coração), que era aquelle o momento solemne para mostrar, que Elle era em tudo o primeiro da nação: primeiro nas honras, na grandeza, e no podêr; mas primeiro tambem no interesse pela patria, e no amor pelo povo.

El-Rei fica. O seu exemplo contém todos. Empregam-se com maior actividade os meios para debellar o flagello, e Lisboa é salva.

Quem póde calcular os males, que cahiriam sôbre a capital, se El-Rei, a Côrte, os grandes, e, por consequencia, as auctoridades a abandonassem?

A Estatua equestre é um monumento, levantado ao Senhor D. José I, porque elle reparou Lisboa arruinada. O Senhor D. PEDRO V fez mais: evitou a ruína de Lisboa.

Durante esta calamidade pública El-Rei affronta muitas vezes a morte com a intrepidez do valente, e com o socêgo do christão. As suas frequentes visitas aos hospitaes dos empestados, o interesse, com que se informa e cuida dos doentes, derramam sôbre todos consolações ineffaveis, alentam suas esperanças, alliviam seus soffrimentos. Á vista do exemplo d'El-Rei os fortes redobram de coragem, cobram os fracos ânimo e resolução.

A medalha, que a Sociedade Humanitaria offereceu ao Senhor D. PEDRO V foi bem ganhada! Nenhum outro foi mais digno d'ella; nenhum outro a presou em mais! Era a unica, que El-Rei trazia sempre ao peito; a que adornou o seu feretro, a que o acompanhou ao tumulo!

Virtudes tão raras, tão extremadas, fizeram o Senhor D. PEDRO V o idolo querido da nação inteira; mas... não fizeram feliz o rei! Infortunios publicos e domesticos lhe laceraram aquella alma tão bella e tão bem formada.

Na infância perde a mãe carinhosa: vê morrer dentro d'um anno a mulher do seu coração: e nos ultimos mo-

mentos da sua curta vida teve a chorar a morte d'um irmão querido. A fome, a peste, as complicações internacionaes, logo no princípio do seu reinado, lhe encheram o espirito de amargura, e geraram aquella melancholia, que lhe gastou pouco a pouco a energia natural, e deu logar aos seus negros presentimentos.

Infeliz! Realisaram-se esses presentimentos! O Senhor fechou os ouvidos ás súplicas ardentes d'um povo inteiro, que banhado em lagrimas, arquejando em soluços, lhe pedia a saude e a vida do rei.

Morreu!... Morreu chorado por todos, abençoado por todos, invocado por todos, como anjo tutellar da patria juncto do throno do Eterno.

Senhor! Quizestes levar para vós este anjo de pureza, de bondade, de dedicação e d'amor da patria, antes que o corrompesse o halito pestifero d'este nosso mundo. Seja feita a vossa sancta vontade. Se Elle já goza a vossa divina presença, como eu creio, á vista das suas virtudes, ouvi-o, attendei-o, quando Elle interceder e orar por este povo, que já foi seu, e sempre vosso. Mas, se tem a expiar alguma fraqueza, a que é sujeita toda a humanidade, Senhor, acceitae benigno estas preces, que por Elle vos dirigimos. Possam estas nossas orações fazer-lhe gozar em breve a eterna felicidade, como Elle sempre desejou a felicidade para o seu povo.

DISSE.

Faculdade de Filosofia
Ciencias e Letras
Biblioteca Central



